



Foto - Praça do Relógio da Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira" (CUASO)

O Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo: uma experiência em arquivos universitários ¹

Nesta edição do Boletim SAUSP.DOC retomamos extrato do capítulo denominado "O Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo: uma experiência em arquivos universitários", extraído do livro *ArchivosUniversitarios: temas arquivísticos e actas*.²

No trecho selecionado, as autoras explicitam o conceito e a importância do arquivo enquanto fonte para a escrita da história e gatilho à memória, assim como ressaltam aquilo que era, e ainda é, o cerne do Sistema de Arquivos da USP: seu caráter descentralizado e a responsabilidade compartilhada – entre os vários entes da comunidade universitária – com relação à gestão de documentos arquivísticos.

Escolhas metodológicas

O Arquivo da USP, composto pelo conjunto de registros voluntários que decorrem do exercício dos papéis sociais da organização, é o produto documental gerado a partir da realização dos objetivos explícitos e implícitos da entidade e das relações que estabeleceu para cumpri-los, tanto no plano interno como externo. Nessa medida, constitui testemunho de sua existência e atuação na sociedade, bem como de seu poder sobre os processos e fatos de que se ocupou.

Como todo arquivo, o da USP tem uma dupla potencialidade: resgatar fatos e processos

¹ Artigo elaborado por Ana Maria de Almeida Camargo, Eunice Ribeiro Borges, Heloísa Liberalli Bellotto, Johanna W. Smit e Rose Marie Inojosa. CAMARGO, A. M. A.; BORGES, E. R.; BELLOTTO, H. L.; SMIT, J. W.; INOJOSA, R. M. O Sistema de Arquivos da Universidade de São Paulo: uma experiência em arquivos universitários. In: TANODI, Branka (Coord.) *ArchivosUniversitarios: temas arquivísticos e actas*. Reunión de Archivos Universitarios, 3. Córdoba: Brujas, 2004. p. 70-81.

² TANODI, Branka (Coord.) *ArchivosUniversitarios: temas arquivísticos e actas*. In: Reunión de Archivos Universitarios, 3. Córdoba: Brujas, 2004.

diretamente relacionados às atividades que lhes deram origem e ao cotidiano das pessoas e da organização; e subsidiar a análise das relações de poder peculiares ao produtor, aos seus agentes e ao momento da produção. Essa dupla potencialidade, porém, é virtual, e só se realiza quando os arquivos são preservados, não na totalidade das peças que os compõem, mas no conjunto e na lógica de sua produção. Ao preservar a relação que os documentos mantiveram entre si, fazemos com que o arquivo seja capaz de testemunhar sobre a entidade que o produziu, garantindo, ao mesmo tempo, a sua polissemia máxima. A singularidade da contribuição dos arquivos para a construção da memória, aliás, depende dessa articulação de registros.

Uma organização do porte e da complexidade da USP opera por intermédio de uma multiplicidade de atores, que produzem documentos enquanto ocupam as mesmas funções e desempenham papéis semelhantes em diferentes momentos históricos. A cultura organizacional é, assim, um elemento constitutivo dos arquivos institucionais: assim como pelos arquivos é possível conhecer aspectos da cultura organizacional da entidade produtora, para trabalhar com arquivos é preciso compreender o ambiente organizacional onde foram gerados.

O conjunto de documentos de uma instituição acaba revelando como seus agentes atuaram com diferentes graus de poder real, em função dos mandatos de que foram investidos, no âmbito da sociedade. O papel dos arquivos é colocar ao alcance dos tomadores de decisões e dos cidadãos as informações geradas no exercício do referido poder, permitindo simultaneamente que se elabore ou reelabore a memória, não como reminiscência, mas como instrumento de avaliação e de planejamento.

Para atingir tal objetivo é preciso abandonar o conceito de arquivo-lugar, de arquivo-armazém. Conceito ultrapassado, que remonta a um tempo em que ainda se acreditava que era possível e conveniente recolher e armazenar em um lugar o conjunto dos documentos que resultavam do ato de governar, e esperar que os interessados nas informações se deslocassem até esse local para recebê-las das mãos dos especialistas, que as preparavam para consulta. Esse conceito, na prática, sempre restringiu o acesso aos documentos a um

pequeno segmento da população. E contribuiu para a alienação do produtor em relação aos documentos produzidos.

A dinâmica e a tecnologia da produção de documentos também já não comportam a ideia de arquivo-armazém, ou de sistemas centralizados, que não têm mais ressonância em um ambiente em que o processo de elaboração e explicitação da memória coletiva é capaz de envolver concomitantemente muitos atores sociais, escapando das mãos do pequeno grupo que antes a construía. E tal perspectiva toma vulto quando se trata do arquivo de uma organização da complexidade e do porte da Universidade de São Paulo.

O fato de os funcionários passarem a operar sistemas informatizados e se tornarem analistas de informações, assumindo tarefas de planejamento e de estratégia antes ausentes de suas preocupações diárias (MOTTA, 1997, p. xiii), provoca, à medida que se estabelece essa nova prática, uma ampliação do número daqueles que produzem e compartilham informações, dinamicamente, no processo de trabalho.

As escolhas metodológicas para o Arquivo da USP consideraram dois pilares:

- a descentralização da gestão do arquivo, a exemplo do próprio modelo organizacional da instituição;
- a corresponsabilização pelo arquivo, por parte do produtor do registro.

Essa perspectiva, que muda profundamente a gestão de documentos nas instituições, demanda continuidade de propósitos e reforço, por meio de processo educativo, do compromisso de cada profissional com os documentos que gera e pelos quais é responsável [...] (p. 71-72).

Hoje a função-arquivo está disseminada por toda a organização. Vale dizer, cada parte da organização que tem atribuições específicas gera, naturalmente, um arquivo que reflete o cumprimento dessas mesmas atribuições e é por ele responsável. Tal responsabilidade é partilhada com outros segmentos da organização [...] (p. 73).

Referências:

MOTTA, P. R. **Transformação organizacional:** a teoria e a prática de inovar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

Créditos:

Texto: Ana Maria de Almeida Camargo, Eunice Ribeiro Borges, Heloísa Liberalli Bellotto, Johanna W. Smit e Rose Marie Inojosa

Foto: Marcos Santos - Banco de Imagens da USP

Diagramação: Bruno L. Teodoro